

**REVOLUÇÃO MEXICANA E IMPRENSA OPERÁRIA BRASILEIRA:
LEITURA LIBERTÁRIA E CIRCULAÇÃO DE IDÉIAS ***

Fábio da Silva SOUSA*

Resumo: Neste artigo, apresentaremos os principais pontos de minha dissertação de mestrado em andamento, intitulada “Operários e Camponeses. A repercussão da Revolução Mexicana na Imprensa Operária Brasileira (1910-1920)”. Por meio de uma leitura crítica das matérias jornalísticas sobre a Revolução do México que foram publicadas em periódicos da imprensa operária brasileira, no decênio de 1910 até 1920, pretendemos investigar e compreender o impacto desse acontecimento na embrionária classe operária brasileira no início do século XX.

Palavras-chaves: Revolução Mexicana, Imprensa Operária, Brasil e México.

**MEXICAN REVOLUTION AND PRESS BRAZILIAN WORKERS:
LIBERTARIAN READING AND MOVEMENT OF IDEAS**

Abstract: In this article it will be presented the main topics of the ongoing dissertation, entitled “Factory and Farm Workers. The repercussion of the Mexican Revolution in the Brazilian Workers’ Press (1910-1920)”. Through a critical reading of the texts published about the Mexican Revolution in Brazilian journals from 1910 to 1920, our main aim is to investigate and comprehend the impact of this historical event on the rising Brazilian factory workers, as a class, in the beginning of the XXth Century.

Key- words: Mexican Revolution, Workers’ Press, Brazil and Mexico.

Introdução

A sociedade brasileira do começo do século XX estava vivenciando os primeiros momentos de sua recém-instaurada República e convivia com muitas incertezas e, ao mesmo tempo, otimismo perante o futuro. A última monarquia do continente americano havia finalmente sucumbido aos anseios republicanos e uma

* Fabio da Silva Sousa é mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da UNESP – Assis, bolsista da FAPESP, orientado pelo Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa – Assis/SP – Brasil - E-mail: fabiovalentim1@hotmail.com

nova sociedade estava sendo erigida. O desejo de ser uma *irmã gêmea* da França impulsionou projetos políticos e sociais - que originaram ações de higienização racial e eugenia, entre outras -, todos impulsionados pelo discurso do progresso. Segundo Ângela Marquez da Costa e Lilia Moritz Schwarcz, nesse período “o Brasil entrava no século XX tão confiante como as demais nações”¹, e a República apresentava a modernidade que deixava de lado a “letargia da monarquia” somado à “barbárie da escravidão”². Todavia, apesar dessa imagem de otimismo e progresso, esse período também foi repleto de contradições e conflitos sociais. O massacre do movimento de Canudos (1893 – 1897), liderado por Antonio Conselheiro, de posição monarquista; a Revolta da Vacina (1904); a política do “Bota Abaixo” realizada pelo então prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Francisco Pereira Passos (1902-1906); a Revolta da Chibata (1910) e o conflito do Contestado (1912-1916) são alguns exemplos de que a *modernidade* e a *época bela* não foram vivenciadas por toda a população brasileira. No campo das idéias, o início da República caracterizou-se por uma grande movimentação ideológica durante a qual, na análise de José Murilo de Carvalho, o Anarquismo foi importado, o Socialismo impulsionado e o Liberalismo e o Positivismo incorporados³.

Neste artigo focaremos nossa atenção no operariado republicano brasileiro e, conseqüentemente, no pensamento anarquista⁴. Apesar da heterogeneidade pertencente à classe operária em cada região de sua formação, afirmamos que a ideologia anarquista, impulsionada e alimentada pelos militantes operários, foi um fator comum entre esses excluídos das *luzes* republicanas. Por meio de jornais, panfletos, manifestos e cartas, as palavras de Mikhael Bakunin, Errico Malatesta, Piotr Kropotkin, entre outros intelectuais ácratas, percorriam as fábricas brasileiras e eram lidas, interpretadas e incorporadas pelo operariado, que se identificava não apenas com os proletários de outras regiões do Estado-Nação brasileiro, como também com anarquistas europeus, estadunidenses e de outras localidades da América Latina. Imbuídos do internacionalismo anárquico, para esses indivíduos as fronteiras nacionais não existiam e todos se reconheciam como irmãos, companheiros e camaradas.

A classe operária brasileira estava se organizando, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, os dois maiores pólos industriais do início da República. Um dos resultados práticos dessa organização foi a fundação da Confederação Operária Brasileira (COB), em 1908⁵. Cronologicamente, esse proletariado formou-se no período da Primeira República, situado entre os anos de 1889 e 1930, e substituiu a

mão-de-obra do sistema escravista monárquico. Participante do desenvolvimento tardio do capitalismo brasileiro, em comparação com a sociedade européia, o proletariado brasileiro contava, em suas fileiras, com uma grande participação de imigrantes europeus, em São Paulo com predomínio de italianos, cuja vinda em parte foi incentivada e financiada pelo governo. Como ilustrativo dessa afirmação, Thomas Holloway relata, em seu estudo sobre a imigração italiana, que o governo brasileiro forneceu intérpretes aos trabalhadores que chegavam na esperança de melhorar suas condições de vida⁶.

Enquanto o Brasil vivenciava sua experiência republicana, no México a *época bela* se destruía ao som de disparos de carabinas que anunciavam o advento de uma revolução em oposição ao regime de Porfírio Dias, conhecido como *Pax Porfiriana*⁷. Como demonstrado por Carlos Alberto Sampaio Barbosa, o governo de Dias foi responsável pelo desenvolvimento da economia mexicana moderna, ao mesmo tempo que aprofundava e cristalizava as suas divisões sociais⁸. Dos distúrbios ocorridos nesse período, os mais significativos foram a greve operária nas minas de cobre da companhia estadunidense *Cananea Consolidated Company S.A*, em Cananea, no Estado de Sonora, em 1906, e a paralisação na fábrica têxtil de Río Blanco, no Estado de Veracruz, iniciada no final do mesmo ano. Ambas as manifestações foram violentamente reprimidas por Porfírio Díaz. No caso de Cananea, houve a intervenção, aprovada pelo governador Rafael Izábal, de 275 *rangers* estadunidenses, que contribuíram para a repressão e a execução dos mineiros grevistas⁹. Em Río Blanco, a repressão elevou-se a um nível de violência superior à barbárie de Cananea, onde “Hombres, mujeres y niños eram sacados de sus viviendas y fusilados em los cuarteles. Algunos huían hacia las colinas. Hasta ahí eran perseguidos y asesinados”; no levantamento realizado por Salvador Hernández Padilha, 1.571 dos 7.083 trabalhadores das indústrias têxteis, onde aconteceu a paralisação, foram, em sua grande totalidade, assassinados. Poucos conseguiram escapar com vida¹⁰.

Outra similitude desses dois acontecimentos foi que ambos tiveram a participação do Partido Liberal Mexicano (PLM) em suas atividades de protesto ao regime porfirista. Fundado em agosto de 1900 por Camilo Arriaga, o Partido Liberal reunia em seu quadro diversos intelectuais liberais que tinham como proposta inicial combater o poder clerical mexicano, tendo como inspiração os princípios da constituição de 1857, formulada pelo então presidente Benito Juárez e que reduziu drasticamente o poder eclesiástico no México¹¹. Contudo, na era porfiriana, essa cláusula da Constituição foi praticamente ignorada, o que permitiu que a Igreja

voltasse a ostentar diversos privilégios na sociedade mexicana. As necessidades sociais e a radicalização do PLM iniciaram-se com associação de Ricardo Flores Magón e, também, como decorrência da grande violência da ditadura porfiriana: “O aumento de repressão por parte do governo levou o partido a deslocar-se rapidamente para a esquerda, que logo assumiu características e manifestações anarco-sindicalistas”¹².

Essas contradições, somadas com a dura repressão promovida por Díaz, também despertaram a oposição da classe burguesa, representada pela figura de Francisco I. Madero. Filho de uma das mais tradicionais famílias de Coahuila e seguidor de uma tradição liberal-democrática, Madero, acreditando que poderia derrubar o regime de Díaz pelo caminho das eleições presidenciais, candidatou-se, fez campanha, e depois foi acusado de sedição, quando fugiu para os Estados Unidos. Lançando o Plano de São Luis Potosí, Madero conclamou que a revolução se iniciasse às seis horas da tarde do dia 20 de novembro de 1910. O levante idealizado por esse documento começou antes da data prevista, no dia 18, devido ao assassinato de seu aliado Aquiles Serdán. Poucos meses depois, Porfírio Díaz renunciou à presidência, exilando-se na França. Madero foi eleito presidente e o México mergulhou em uma radical e imprevisível guerra civil que durou uma década¹³.

Com um saldo aproximado de um milhão de mortos¹⁴, a Revolução Mexicana foi descrita por Eric J. Hobsbawm como o primeiro processo revolucionário de apelo social do século XX¹⁵, anterior à segunda experiência social mais significativa desse século, a Revolução Russa, que aconteceu sete anos após a insurgência mexicana. Assim, a Revolução do México foi o primeiro acontecimento mundial acompanhado pelo movimento operário brasileiro e, portanto, entender como esse segmento social da República se comportou diante de tal evento é o objetivo central de nossa pesquisa de dissertação, da qual alguns pontos de reflexões serão apresentados neste artigo.

Imprensa Operária Brasileira: algumas considerações de pesquisa

Há um certo consenso entre os estudiosos da classe e do movimento operário brasileiro em eleger os seus jornais impressos como uma fonte documental de pesquisa imprescindível na investigação desses trabalhadores nas primeiras décadas da República. Como demonstra Cláudio Batalha, “Sem dúvida, a expressão mais visível da cultura operária nesse período foi a imprensa operária. Ela foi o principal instrumento de propaganda e debate, assumindo formas diversas: periódicos de

correntes político-ideológicas [...] jornais sindicais; publicações destinadas à classe operária em geral”¹⁶. Segundo John W. Foster Dulles, a Imprensa operária teve um enorme papel de propaganda na divulgação rápida e ágil de ideologia e informações entre o operariado¹⁷, o que a torna uma fonte documental essencial em estudos sobre a classe e o movimento operário, seja em suas expressões culturais, como foi trabalhado por Francisco Foot Hardman, seja na discussão sobre o conceito de gêneros e da figura da mulher operária, como explorado por Margareth Rago e Hadassa Grossman¹⁸, entre outros temas.

Contudo, a Imprensa Operária possui características únicas e exige um uso metodológico distinto de quem trabalha com a imprensa escrita. Essas folhas foram uma alternativa de informação e comunicação produzida pelo operariado militante para se contraporem aos alcunhados jornais burgueses. Contudo, segundo Maria Aparecida de Aquino, a imprensa alternativa brasileira teve a sua fase áurea no final dos anos de 1960, persistindo por quase uma década da presente data referida: "O início dos anos de 1980 assistiu ao término daquela rica experiência conhecida como imprensa alternativa, oficialmente, inaugurada com o surgimento do anárquico Pasquim, em 1969"¹⁹.

Por essa definição, não poderíamos considerar os jornais operários do início do século XX como folhas alternativas. Todavia, Flávio Aguiar expande o conceito e a periodização da imprensa alternativa proposto por Aquino. Segundo ele "*Opinião, Movimento e Em Tempo* não fundaram a imprensa alternativa. Ao contrário, foram fruto dela."²⁰ Ele afirma que o *Correio Braziliense*, o primeiro jornal brasileiro fundado por Hipólito José da Costa em 1808, pode ser considerado alternativo, pois defendeu a independência brasileira no período monárquico.

Citando outros impressos alternativos publicados no período do império, até o momento do golpe militar de 1964, Aguiar aponta, como as duas principais características da *imprensa alternativa*, tanto de panfletos, quanto de jornais ou revistas, a sua oposição à ordem vigente e a sua constante instabilidade de circulação. Apesar de não citar nenhuma publicação operária do início da República em seu texto, a sua caracterização encontra similaridade com o nosso cópulo documental, visto que os jornais operários combatiam o Estado republicano estabelecido, e poucos foram os periódicos que conseguiram manter uma certa regularidade de publicação. Ou seja, as folhas operárias podem ser categorizadas historicamente como pertencentes à imprensa alternativa.

As grandes dificuldades em trabalhar com os periódicos da imprensa operária como fonte de pesquisa encontram-se no grande número de publicações e em sua constante irregularidade. Ao pesquisar esses periódicos, em seu trabalho pioneiro, Maria Nazareth Ferreira contabilizou um total de 343 títulos de jornais operários no território brasileiro, entre o século XIX e as primeiras décadas do XX²¹. Contudo, apesar da grande quantidade, muitas publicações não passaram do primeiro número, sendo a irregularidade da sua distribuição era conseqüência de dificuldades financeiras e de perseguições decorrentes de investidas policiais²².

Essas publicações foram alvo da intensa repressão estatal sobre os militantes operários e sua leitura já era categorizada como um crime político, conforme demonstrado no estudo de Maria Luiza Tucci Carneiro e na dissertação de Rodrigo Rosa da Silva²³ referente ao período do Estado Novo. Contudo, essa preocupação com o potencial subversivo de leitura dos periódicos da classe operária já se manifestava no início do século XX, como destacamos abaixo em um trecho de um relatório do diplomata italiano Cariati, endereçado ao ministro das Relações Exteriores da Itália, sobre uma conversa com o chanceler brasileiro do período, o Barão do Rio Branco, em agosto de 1903, referindo-se às ações proletárias na cidade de São Paulo:

Nesta cidade onde pelo menos um terço da população é italiana, os anarquistas têm vários órgãos periódicos de publicidade e é também aí que se imprimem com maior freqüência os opúsculos de propaganda e os folhetos e libelos subversivos que não são distribuídos somente entre os operários do Brasil mas também são enviados em relevante quantidade a outros centros de imigração italiana. [...]²⁴

Enfrentando essas dificuldades, selecionamos as publicações a serem investigadas pelo seu papel na História da imprensa operária e pela sua disponibilidade de acesso a centros de pesquisas. Esse segundo item foi bastante significativo na escolha das fontes, pois, como já discorreu Michel de Certeau no clássico *A Operação Historiográfica*, o lugar social de uma obra histórica, definido como a sua instituição de origem, e os locais de pesquisa são essenciais em guiar diversas etapas de uma investigação historiográfica²⁵. Visitamos e pesquisamos os acervos dos seguintes locais: CEDEM - Centro de Documentação e Memória da UNESP, localizado na capital paulista, CEDAP - Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa, localizado na Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Assis – UNESP,

e AEL - Arquivo Edgar Leuenroth – Centro de Pesquisa e Documentação Social, pertencente à Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP.

Selecionamos inicialmente as seguintes publicações: *La Battaglia*, *A Lanterna*, *Germinall*, *Na Barricada* e *O Cosmopolita*, de São Paulo e os cariocas *A Guerra Social* e *A Voz do Trabalhador* e com eles trabalharemos. Pesquisamos também outras publicações, algumas de outras regiões fora do eixo Rio-São Paulo. Não foi, contudo, possível incluí-las em nossa lista, pois elas não apresentaram em suas páginas nenhuma matéria ou referência sobre a Revolução Mexicana. Como exemplo, citamos o importante periódico operário *A Terra Livre*, cujo último número fora impresso em outubro de 1910²⁶, e centralizamos a nossa baliza temporal de pesquisa no período entre o mês de novembro do referido ano, quando se iniciou a revolução, até 1920, que corresponde ao fim da guerra civil revolucionária mexicana, ocasionada pela morte de Venustiano Carranza e pela consolidação de uma classe dirigente advinda do estado de Sonora, por meio da posse presidencial de Álvaro Obregón em primeiro de dezembro do mesmo ano.

Finalizando a nossa lista, pesquisamos algumas edições do periódico mexicano *Regeneración*²⁷. Fundado em agosto de 1900 por Ricardo e Jesús Flores Magón na Cidade do México, o *Regeneración* foi publicado até meados de 1918 e teve um papel bastante significativo na divulgação de ideais anarquistas e socialistas no período revolucionário mexicano e foi distribuído entre os círculos anarquistas de diversas regiões da América do Sul, como em Montevideú, Buenos Aires, São Paulo e Rio de Janeiro. Chegou a ter 30.000 exemplares distribuídos em 1906 e foi editado nos Estados Unidos, em 1911²⁸.

O *Regeneración* foi demasiadamente utilizado pelos operários gráficos brasileiros como uma fornecedora fidedigna de informações sobre a guerra civil revolucionária mexicana. A inclusão dessa importante publicação operária contribuiu e muito, para esta pesquisa, pois, ao comparar as matérias originais do *Regeneración*, que foram traduzidas e publicadas nos periódicos analisados, tivemos a oportunidade de ter acesso ao material lido pelos editores militantes e como eles repassaram essa leitura da Revolução Mexicana em suas respectivas publicações libertárias.

Nas linhas seguintes, apresentaremos um pouco da investigação metodológica desse corpus documental proposto em nossa pesquisa, e também, os primeiros ecos da Revolução do México entre a classe e o movimento operário nos primórdios da República brasileira.

As primeiras notícias da Revolução Mexicana na Imprensa Operária Brasileira

Os acontecimentos iniciais da Revolução do México, em 1910, estiveram distantes das páginas das folhas operárias brasileiras²⁹. A primeira referência sobre a Revolução Mexicana que localizamos foi publicada no *La Battaglia*, nº 307 de 28 de maio de 1911. Fundado em 1901 por Gigi Damiani, pelo operário gráfico Oresti Ristori e por Rodolfo Felipe, o *La Battaglia* era escrito em italiano e português e tinha como um dos seus colaboradores o renomado anarquista Errico Malatesta. Em 1912 mudou de nome para *La Barricata* e foi publicado até agosto de 1913, chegando a ter uma distribuição de 5.000 cópias³⁰. O material localizado está em uma pequena nota, registrada no espaço dedicado à divulgação de classificados, convidando simpatizantes a se reunirem para discutir a situação do México³¹. Essa primeira referência demonstra o interesse que a Revolução no México começou a despertar entre os operários militantes brasileiros. Destacamos que reuniões e comitês de apoios sempre foram práticas de ações diretas desenvolvidas por militantes ácratas.

Em sua edição seguinte, o *La Battaglia* publicou, em italiano, dois textos sobre os acontecimentos revolucionários no México. O primeiro, foi assinado pelos membros da Junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano – Ricardo Flores Magón, Antônio P. Araújo, Librado Rivera, Anselmo L. Figueroa e Enrique Flores Magón – de título “I rivoluzionari del Messico. Al Lavoratori di tutto il mondo” e outro, de autoria de Giami Gimida, “Per i rivoluzionari messicani”³². Além do *La Battaglia*, mais duas publicações operárias dedicaram espaço ao México revolucionário em suas páginas, *A Vanguarda* e *A Guerra Social*.

Circulando no Rio de Janeiro de 1907 a 1912, o periódico *A Guerra Social* foi fundado por João Arzuá, Gigi Damiani e pelo espanhol Everardo Dias³³. Infelizmente, não dispomos de informações sobre a trajetória do periódico *A Vanguarda*. Em sua sexta edição, com o título de “A Revolução Mexicana”, *A Vanguarda* iniciou a sua matéria descrevendo:

O povo mexicano, que neste momento sustenta uma luta heroica e grandiosa contra os tyranos que o exploram e escravizam, acabam de dirigir aos trabalhadores do mundo inteiro um longo e vibrante manifesto, no qual explicam que o seu generoso e condoreiro movimento não tem os mesquinhos fins políticos de que os exploradores da boa fé lançam mão para galgar o poder.

[...]

Sabemos que os libertários do Rio de Janeiro estão constituindo também aqui um *comitê* para angariar recursos em favor dos revolucionários mexicanos. Enquanto, porém, o *comitê* não estiver organizado, todo e qualquer auxílio que os trabalhadores quizerem prestar a causa dos operários mexicanos poderão ser enviados para esta redacção, a Ulysses Martins, ou para a Federação Operaria, a rua General Câmara, nº 335, ao companheiro Demetrio Miñana³⁴.

Nessa edição, os operários gráficos de *A Vanguarda* publicaram um manifesto cuja autoria foi atribuída ao “povo mexicano”, tendo como público-alvo “os trabalhadores do mundo inteiro”. Atentamos, no momento, para as partes destacadas da matéria que incentivaram operários do Rio de Janeiro a organização de um comitê de apoio aos revolucionários mexicanos seguindo o exemplo dos seus companheiros de São Paulo. Acreditamos que esse comitê de São Paulo citado em *A Vanguarda* seja o mesmo divulgado pelo *La Battaglia*.

Publicado também em junho de 1911, o primeiro número de *A Guerra Social* dedicou um espaço de destaque ao nosso tema de investigação já na sua capa de estréia com a seguinte manchete: “A REVOLUÇÃO SOCIAL no MEXICO”. Duas matérias sobre a Revolução Mexicana foram publicadas na segunda página. A primeira com o título de “Em marcha para a Anarquia”, ilustrada por uma foto que retrata combatentes a cavalos com a legenda “Grupo de revolucionarios” e assinada pela Junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano e a segunda, “A revolução em marcha”, sem autoria, também acompanhada de uma foto com a imagem de rebeldes com carabinas em punho, mirando, e com a legenda de “Revolucionarios atirando”:



Figura 1 – Fotos ilustrativas da matéria referente à Revolução Mexicana publicada em *A Guerra Social*, nº 01, de 29/06/1911, p.02

Comparando as matérias de destaque das três publicações operárias entre si, duas delas assinadas pela Junta dirigente do PLM, constatamos que “I rivoluzionari del Messico. Al Lavoratori di tutto il mondo” do *La Battaglia*, o manifesto citado em partes em *A Vanguarda* e “Em marcha para a Anarquia”, de *A Guerra Social*, apesar de títulos diferentes, possuem o mesmo conteúdo e são traduções diretas para o português e para o italiano do texto “MANIFIESTO A los Trabajadores de Todo el Mundo”, publicado na primeira página da 32ª edição do *Regeneración*, de 08 de abril de 1911. Acreditamos que esse manifesto do PLM, simultaneamente publicado nas três folhas operárias brasileiras, circulou separadamente do referido exemplar do periódico libertário mexicano. Reforça nossa hipótese o artigo “Movimiento de solidaridad”, escrito por Ricardo Flores Magón e publicado na primeira página do referido exemplar:

Animo, compañeros; no estamos solos én esta lucha. Nuestros hermanos de cadena de todo el mundo nos ayudarán para convertir en hecho nuestra bella aspiración: TIERRA Y LIBERTAD.

[...]

El Manifiesto que publicamos en este número de REGENERACIÓN está siendo traducido al francés, al alemán y al italiano, de manera que por lo pronto, circulará en cinco importantes idiomas y tenemos la esperanza de que será traducido al hebreo, al ruso, al portugués y á otros muchos idiomas por nuestros camaradas de todo el mundo.

[...]

Conque, compañeros, no desmayar. Madero cuenta con sus millones; el Partido Liberal mexicano cuenta con el apoyo de los trabajadores del mundo. Y si los gobiernos de todos los países quisieran aplastarnos, los proletarios de esos mismos países se levantarían en armas para detenerlos.

No dejéis de ayudar á la Junta. Redoblad vuestros esfuerzos³⁵.

Traduzido em diversas línguas, inclusive para o português, esse documento, além de reivindicar um caráter social, libertário e internacionalista da Revolução do México, afirma que a classe operária mundial deveria se espelhar no exemplo mexicano e implantar a agitação social em suas respectivas sociedades.

No artigo “Per i rivoluzionari messicani”, publicado pelo *La Battaglia*, Giami Gimida também defendeu essa especificidade social da Revolução Mexicana, reivindicando o apoio de todos os operários militantes aos revolucionários do México e

também teceu críticas a Francisco Madero, utilizando as mesmas expressões do Manifesto do PLM.

Já em *A Guerra Social*, o artigo “A revolução em marcha” descreve os combates realizados em diversas regiões do México, sob uma narrativa heróica, destacando que a coragem e o desejo de lutar dos revolucionários compensava a sua inferioridade numérica: “Os rebeldes, então, lutaram com tanto valor que dos duzentos e cinquenta federaes nem se quer a metade se salvou, ficando os de outra parte feridos ou mortos no campo da peleja. As perdas dos rebeldes foram somente de dois mortos e um ferido”³⁶. Esses relatos sobre os confrontos foram obtidos também por meio da 32ª edição do *Regeneración*, mais precisamente da matéria anônima “La Marcha Ascendente de la Revolución”, publicada na 2ª página do exemplar pesquisado, divulgando informes dos embates nos diversos estados mexicanos.

Estruturalmente, essa seção do *Regeneración* assemelha-se com as notas internacionais publicadas pelos jornais de grande circulação da República brasileira, como exemplo o *Estado de S. Paulo* (OESP), que montava tal espaço utilizando as notas provenientes das agências internacionais de notícias. Contrastando com o *La Battaglia* e com *A Guerra Social*, as edições posteriores de *A Vanguarda* não publicaram mais nenhuma matéria sobre a Revolução Mexicana.

Os outros dois periódicos operários brasileiros, *La Battaglia* e *A Guerra Social* continuaram divulgando aos seus leitores militantes informações sobre a Revolução que acontecia a quilômetros de distância da República brasileira.

Detendo-nos nas datas das publicações pesquisadas, vemos que existe um atraso de dois meses das informações que o *La Battaglia* publicou em suas páginas, e, conseqüentemente, os leitores dessa publicação operária tiveram acesso a notícias desatualizadas sobre a Revolução Mexicana. Percebemos também uma crítica dirigida à imprensa burguesa, ou seja, os jornais liberais de grande circulação, pela sua cobertura sobre os acontecimentos do México, e essa apreciação desfavorável realizada pelas publicações operárias tornaram-se uma atividade constante em suas páginas.

Do mesmo período, *A Guerra Social* também utilizou o *Regeneración* como fonte de informações sobre a Revolução Mexicana, procurando passar aos seus leitores a informação de que esse acontecimento estava sendo realizado pelas classes subalternas do México participantes nas reivindicações de “Tierra y Libertad”. Torna-se relevante citar que o lema “Tierra y Libertad” foi pioneiramente utilizado pelo PLM e depois reapropriado por Emiliano Zapata e seus revolucionários camponeses.

O *La Battaglia* dedicou um espaço de destaque para a Revolução Mexicana na capa de sua 321ª edição. Com o título de “IL MESSICO IN FIAMME”, traduzido como “México em chamas”, essa matéria descreve deserções de tropas federais, união de indígenas com o proletariado e o avanço da revolução pelo restante do território mexicano. Além da euforia por esses acontecimentos, notamos também, nessa matéria, uma preocupação do *La Battaglia* em legitimar as suas informações impressas sobre a Revolução Mexicana, destacando e referindo que diversas publicações, mesmo as consideradas “burguesas”, registraram em suas páginas notícias semelhantes dos percalços do México. Os editores do jornal operário brasileiro afirmaram que receberam “papéis”, ou seja, periódicos, que serviram de base para as suas análises da revolução. Não podemos apontar quais foram as publicações recebidas por eles, uma vez que não localizamos nenhum controle dessa troca de jornais³⁷. Contudo, sabemos que existiu um intercâmbio de escritos entre os militantes anarquistas no começo do século XX. Essa rede de informações utilizava-se muito do correio e houve um intenso contato e uma circulação de livros, panfletos, cartas, e, principalmente, jornais entre os grupos anarquistas do continente americano com militantes ácratas europeus.

Os distúrbios revolucionários do México também receberam destaque de capa no nº 20 de *A Guerra Social*. Vale a pena ressaltar que essa edição de *A Guerra Social* foi citada em dois textos do memorialista do movimento anarquista brasileiro e português Edgar Rodrigues³⁸ e, também, na obra de Maria Nazareth Ferreira, no espaço dedicado aos anexos de seu livro.

O texto impresso praticamente preenche todo o espaço de capa da publicação operária, dividido em diversas partes e colunas. No começo, já somos informados que parte do material publicado foi traduzido do periódico francês *Libertaire*, que se autodenomina como o único órgão impresso da França imbuído na tarefa de publicar notícias sobre o México, na tarefa de responder à seguinte questão de seus leitores militantes: “Em que pé está a revolução mexicana?”. Em seguida, o texto enaltece a revolução com diversos adjetivos, defendendo que os antigos camponeses explorados, famintos e escravizados, nesse momento, estavam se erguendo em armas, reivindicando a terra e a dignidade em sua vida! O entusiasmo do periódico libertário francês pela revolução *salta aos olhos* nesse trecho. Percebemos que a imagem que os editores dessa publicação construíram sobre o México revolucionário em seu imaginário, foi de um levante redentor de todas as injustiças presentes nessa sociedade até o momento. Abaixo, destacamos alguns trechos desse material:

Com os últimos números da *Regeneración*, o admirável órgão anarquista que tanto tem feito já pela causa de um dos povos mais oprimidos da terra, um grande maço de quotidianos do México acabamos de receber, assim como os últimos números da *Era Nova*, de Paterson (Estados Unidos) que não tem cessado, com *Cultura Obrera*, de secundar vigorosamente a *Regeneración*.

Lendo-se estas folhas amigas, percorrendo-se os jornais burguezes do México, reacionários ou maderistas, todos cheios de fatos da revolta ou de manifestações preñhes de porvir, os do mez de Dezembro como os do mezes precedentes, duas impressões de importância capital destacam-se, irrezistivelmente. A primeira é que a questão da posse da terra, o único fim, de todo o movimento atual, tornou-se a questão primordial por toda a Republica, dos camponezes aos burguezes e aos governantes. A segunda é que a nossa revolução não acaba de passar por um momento de trégua relativa, pela rendição de Reyes e a enfermidade de Zapata, sinão para se dezencadear proximamente com uma amplidão e uma força terríveis³⁹.

Nas primeiras linhas dessa matéria, o *Libertaire* revelou um pouco das suas fontes selecionadas para obter informações sobre a Revolução Mexicana, que aparece nas publicações *Regeneración*, *Era Nova* e *Cultura Obrera* e, novamente, expôs que os jornais burguezes, não podendo mais censurar os acontecimentos revolucionários, colocaram em suas páginas os distúrbios vivenciados no México, legitimando o que os periódicos anarquistas já haviam publicado sobre esse acontecimento. Em seguida, discorremos sobre a questão da terra e dos últimos desfechos, destacando a maneira como a revolução foi tratada pelo periódico francês. Identificados com os sentimentos dos revolucionários mexicanos e apoiando sua insurgência, os editores ácratas franceses denominam sua revolução de “nossa revolução”. Não se tratava mais de uma revolução empreendida por um povo distante mas sim, de um acontecimento em comum, cuja identificação ultrapassou a distância geográfica da França em relação ao México, guiada pelo internacionalismo anarquista, com o anseio de lutar pela implementação de uma comunidade libertária em todas as sociedades regidas pelo sistema capitalista.

A última parte do artigo reforça os elogios ao furor das forças zapatistas, mantendo o argumento de que diferente das outras facções revolucionárias – como por exemplo, as forças do general Reyes – os comandados de Emiliano Zapata uniram-se ao Exército Libertador do Sul, movidos não apenas pelo desejo de lutar pela terra, mas também guiados por suas “convicções” que os tornavam “comunistas de

instinto”. Os revolucionários lendo, nas linhas desse material impresso, o entusiasmo e o apoio dos editores gráficos ao zapatismo se reforçam a cada número lançado. Em certas passagens do impresso, os zapatistas são considerados comunistas na prática, que, mesmo não possuindo uma consciência dessa postura ideológica, se distinguem dos outros “revoltados mexicanos [que] não pegaram em armas com um fim político”.

A nota termina com um apelo de ajuda financeira para a manutenção do *Regeneración*. Desde as últimas edições do jornal libertário mexicano no final de 1911 e nos primeiros meses de 1912, em sua primeira página, foram publicados diversos editoriais assinados por Ricardo Flores Magón, que solicitavam ajuda financeira de militantes e simpatizantes para manter a distribuição do respectivo periódico, que em parte foi traduzido e impresso nas páginas de *A Guerra Social*:

“Regeneración,, está a morrer

Como dissemos a ultima vez e como todos dos fatos afirmam, os revoltados mexicanos não pegaram em armas com um fim político. Reyes acaba de render-se por falta de partidários [...] Ficam pois a bem dizer sós em ação as guerrilhas comunistas de Zapata e as, inumeráveis, que cruzaram os Estados não visitados pelos zapatistas, compostas todas de expropriadores, comunistas de instinto ou convicções.

A propaganda da *Regeneración* triunfa por assim dizer em toda linha. Ardente, cheio de fé, de entusiasmo comunicativo, superiormente redijido em duas línguas, este admirável orgam revolucionário, de um gênero único nos anais da imprensa, pode estar orgulhozo de sua obra.

Ora, é neste momento que a *Regeneración* está ameaçada de desaparecer. Ela sucumbe debaixo de dividas ocasionadas pelas grandes despesas que comportam expedições de 20.000 exemplares. Si a solidariedade pela bela cauza mexicana não se manifesta por uma grande remessa de dinheiro, a admirável folha de combate deixará de existir. Até a prezente data as subscrições – as da Europa principalmente – teem sido insuficientes.

Não vai isto mudar? É preciso que sim absolutamente, camaradas revolucionários de todos os paízes⁴⁰.

Apesar dos apelos publicados em diversas edições por Ricardo Flores Magón e também em *A Guerra Social*, a crise financeira do *Regeneración* somente aumentava a partir do ano de 1912⁴¹. O único dado disponível que localizamos em *A Guerra Social* sobre o efeito desse pedido de auxilio financeiro solicitado pelos redatores da publicação oficial do PLM, foi na última página da 30ª edição, de 05 de outubro de

1912, detalhando uma subscrição realizada em Piracicaba, onde foi obtida a quantia de 14 réis em apoio à publicação libertária mexicana. O espaço de tempo da publicação desse pedido de ajuda pelo periódico proletário brasileiro – abril – até a realização desse ato de apoio aos membros do Partido Liberal – outubro – é bastante significativo para visualizarmos um pouco a dificuldade do movimento operário do Brasil em organizar ações efetivas de apoio aos revolucionários mexicanos.

Por último, mostraremos algumas notas de *A Voz do Trabalhador*, que circulou de 1908 até 1915 e era a publicação oficial da Confederação Operária Brasileira (COB). Dirigido pelo gráfico Manuel Moscoso, *A Voz do Trabalhador* tinha como função centralizar as numerosas publicações operárias que circulavam no período e, em 1913, chegou à tiragem de 4.000 exemplares. Podemos afirmar que *A Voz do Trabalhador* foi publicada em duas fases. A primeira corresponde ao período de julho de 1908 (quando saiu o primeiro número) até a edição de nº 21, publicada em dezembro de 1909. A segunda corresponde ao período de janeiro de 1913, edição nº 22, até junho de 1915, quando saiu o último exemplar de nº 71⁴². As matérias referentes à Revolução Mexicana foram publicadas no ano de 1913 e constituem um total de seis notas informativas, diferentes das do *La Battaglia* e de *A Guerra Social*, que tinham como práxis traduzir textos inteiros do *Regeneración* e de outras publicações. É relevante ressaltarmos que esse periódico estava fora de circulação quando a Revolução eclodiu no México em 1910.

Em sua primeira nota, a Revolução Mexicana foi noticiada como um movimento de “proletários mexicanos” que, com a “bandeira rubra” – aqui uma alusão às cores do anarco-sindicalismo (o vermelho e o negro) –, estavam lutando pela “Terra e Liberdade” dos trabalhadores mexicanos. Outro ponto de relevância nessa nota está no fato de os operários gráficos brasileiros se referirem aos proletários mexicanos como “nossos irmãos”, o que já evidencia um esforço de identificação deles com os revolucionários⁴³.

Em fevereiro de 1913, a revolução mudou de rumo com o golpe de estado efetuado pelo general Victoriano Huerta. Esse evento ficou conhecido como *Dezена Trágica*, que foram dez dias de combate em plena metrópole mexicana, iniciada no dia 09 e findada no dia 18. No dia 22, o então presidente Madero e o vice José Maria Pino Suárez foram executados. Após esse evento, o general Venustiano Carranza se uniu a Francisco “Pancho” Villa e declararam guerra a Huerta. Já Emiliano Zapata e suas forças do sul mantiveram a sua autonomia e continuaram lutando⁴⁴. Observemos como *A Voz do Trabalhador* noticiou a *Dezена Trágica* em suas páginas:

Si a intenção dos jenerais politicantes do México foi distrair, com o recente motim militar, o povo trabalhador da luta que este vem sustentando, ha mais de dous anos, contra todas as fórmãs políticas de exploração, enganaram-se quadradamente os tais jenerais. A revolução caminha... e quer queiram, quer não, ção caminha... e quer queiram, ela só terá fim no dia em que estiverem por terra, definitivamente, todos os representantes do rejimen autoritário. Os nossos irmãos mexicanos, pela voz do seu poeta, já decidiram: *Viver para ser livre, ou morrer para deixar de ser escravo.*

[...]

O proletário do Brazil deve seguir o exemplo do proletário do Mexico. Devemos secundál-os nesta batalha decisiva. Preparemo-nos trabalhadores! É chegada a hora da libertação! A Historia nos aponta o caminho a trilhar. Trilhemo-lo, que a vitória será nossa. Quem caminha com a Historia caminha com a Razão e caminha para a Vitória...⁴⁵

Algumas considerações devem ser levantadas sobre tal nota. A *Dezena Trágica* foi apresentada como um “motim militar”, que não conseguiu frear o processo da revolução, o qual, segundo o periódico libertário brasileiro, foi protagonizado pelo proletário mexicano. Novamente, percebemos o uso de um discurso impresso de identificação, em que o “proletariado brasileiro deveria seguir o exemplo do proletário mexicano”.

Na nota seguinte informou que o Centro de Estudos Sociais “Jerminal”, de Niterói, organizou um abaixo assinado contra a detenção de Ricardo e Enrique Flores Magón, de Anselmo Figueroa e Librado Rivera:

“Nós abaixo assinados, depois de completa investigação no cazo do encarceramento dos membros da Junta do Partido Liberal Mexicano, e em consecuencia ficaremos convencidos de que se cometeu perjuria pelas testemunhas do governo dos Estados Unidos, exíjimos a liberdade de Ricardo Flores Magón, Enrique Flores Magón, Líbrado Rivera e Anselmo L. Figueroa, que atualmente estão na Penitenciaria de Mac Meil Island, sofrendo uma condenação injusta.”

Este protesto, redijido em inglez, foi assinado por todas as pessoas presentes a ambas reuniões⁴⁶.

Nesse caso, afirmamos que o abaixo assinado representou uma forma de ação-direta, de apoio e incentivo dos editores de *A Voz do Trabalhador* para com os do *Regeneración*, os irmãos Flores Magón e de seu círculo de amizades.

O que apresentamos acima foi um pouco do material de nossa pesquisa sobre as primeiras notícias da Revolução Mexicana publicada nos jornais dos operários republicanos brasileiros. Outras publicações operárias, que abrangem os anos posteriores ao apresentado neste artigo, entrarão futuramente em nossa investigação histórica. Contudo, pelo material apresentado, algumas prévias conclusões – conquanto não definitivas – já podem ser esboçadas.

Os primeiros anos da Revolução Mexicana foram acompanhados com grande entusiasmo pelo movimento operário brasileiro, graças à traduções de artigos publicados originalmente do *Regeneración* e de outras publicações libertárias. Os textos impressos dessas publicações estrangeiras sobre o México do início do século XX foram apropriados pelos operários gráficos responsáveis pelas três publicações alternativas analisadas neste artigo e repercutiram de forma a descrever a Revolução do México como uma explosão popular tendo, como base teórica, o ideal de transformação social pregado pelo pensamento anarquista. Em outras palavras, houve uma leitura libertária dessa revolução.

No projeto político desses operários gráficos, a Revolução Mexicana deveria servir de exemplo para o desencadeamento de uma insurgência promovida pelos militantes ácratas brasileiros. Reforça essa hipótese o uso repetitivo de termos de aproximação afetiva como “camaradas”, “nossos irmãos”, “nossos companheiros”, somado a afirmações de que o proletariado nacional deveria seguir o exemplo dos combatentes mexicanos. Essa visão social e libertária da Revolução do México não ficou circunscrita em suas fronteiras geográficas e circulou por diversos países, através dos textos do *Regeneración*. Editado na Califórnia e tecendo informes sobre uma revolução que acontecia no México, esse importante periódico mexicano foi transportado, lido e apropriado por militantes anarquistas da França, do Uruguai, Argentina e, como demonstrado neste artigo, do Brasil.

Recebido para publicação em julho de 2009.

Aprovado para publicação em agosto de 2009.

Notas

-
- * Este trabalho de pesquisa está integrado ao projeto temático/FAPESP: *Cultura e política nas Américas: circulação de idéias e configuração de identidades (séculos XIX e XX)*.
- ¹ COSTA, Ângela Marquez da & SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *1890-1914: no tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (Virando Séculos).p.12.
- ² Ibidem.p.27. Grifo das autoras.
- ³ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 24.
- ⁴ O ideal do anarquismo caracteriza-se pela criação de uma sociedade planejada, com a ausência do Estado, onde todos os indivíduos viveriam em um regime de igualdade social. Surgiu no final do século XVIII, na obra *Enquiry Concerning Political Justice*, de William Godwin e foi retomado no século XIX por Pierre Joseph Proudhon, que foi reinterpretou e originou a construção do anarquismo revolucionário, cujos expoentes intelectuais foram Mikhail Bakunin, Piotr Kropotkin e Errico Malatesta. Ver: BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Trad. Carmen C. Varriale... [et.all.] 5^o ed. Brasília: Editora de Brasília. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000. Vol. 1 (de A a J).p.23-29.
- ⁵ Apesar do papel importante da COB, chamamos atenção ao seu limite de alcance, como bem observado por Cláudio Batalha: “Em termos práticos, a COB contou apenas com a estrutura da Federação Operária do Rio de Janeiro, sem ter uma efetiva organização própria, nem tampouco uma dimensão nacional”. In.: BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.p.20.
- ⁶ **HOLLOWAY, Thomas H. Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.p.86-87.
- ⁷ O período do regime de Porfírio Díaz, conhecido como Porfiriato ou *Pax Porfiriana*, cronologicamente abrangeu os anos de 1876 até 1911. Desses 35 anos, Díaz não esteve no comando do México apenas de 1880 a 1884, quando o país foi governado pelo general Manuel González. Para detalhes desse período consultar: KATZ, Friedrich. O México: a república restaurada e o porfiriato. 1876-1910. In.: BETHELL, Leslie (org). *História da América Latina. Volume V: 1870-1930*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2002.p.23-103.
- ⁸ BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. *20 de Novembro de 1910: a Revolução Mexicana*. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Lazuli Editora, 2007.p.01.
- ⁹ CABRAL, João Batista Pinheiro. *O Partido Liberal Mexicano e a Greve de Cananea*. Brasília: Departamento de Filosofia e História/UNB, 1974.p.81-87.
- ¹⁰ Cf. PADILHA, Salvador Hernández. *El magonismo: historia de una pasión libertaria. 1900-1922*. Mexico: Ediciones Era, 1984.p.76-77.
- ¹¹ COCKCROFT, James D. *Precursores intelectuais de la Revolución Mexicana (1900-1913)*. México: Siglo Veintiuno editores SA, 1971.p.87.
- ¹² KATZ, Friedrich. Op. Cit, p.90.
- ¹³ HERZOG, Jesus Silva. *Breve Historia de La Revolucion Mexicana.* Los antecedentes y la Etapa Maderista*. México: Fondo de Cultura Economica, 1960.

-
- ¹⁴ VILLA, Marco Antonio. *A Revolução Mexicana (1910-1940)*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1993.p.08.
- ¹⁵ Esse estigma social e pioneiro da Revolução Mexicana foi destacado pelo historiador inglês Eric J. Hobsbawm “como um levante social importante, a primeira do gênero num país agrário do Terceiro Mundo.” In.: HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Impérios. 1875-1914*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.p.396.
- ¹⁶ BATALHA, Cláudio. Op.Cit.p.64.
- ¹⁷ DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.p.23.
- ¹⁸ HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, Nem Patrão! Memória operária, cultura e literatura no Brasil*. 3º ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Unesp, 2002.; RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao lar. A Utopia da Cidade Disciplinar. Brasil: 1890 – 1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997 e GROSSMAN, Hadassa. A imagem da mulher na imprensa de esquerda no Brasil, 1889 – 1922: uma exposição sumária. In.: *Cadernos AEL. Anarquismo e Anarquistas*. Campinas: UNICAMP/IFCH, v. 8/9, 1998.p.69-86.
- ¹⁹ AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968 - 1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência. O Estado de São Paulo e Movimento*. Bauru: EDUSC, 1999. p.16.
- ²⁰ AGUIAR, Flavio. Imprensa Alternativa: Opinião, Movimento e Em Tempo. In.: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de (Org). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.p.234.
- ²¹ FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil. 1880 – 1920*. Petrópolis: Vozes, 1978.p.89.
- ²² Ibidem.p.104-105.
- ²³ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, idéias malditas*. Cotia: Ateliê, 2002 e SILVA, Rodrigo Rosa da. *Imprimindo a resistência: a imprensa anarquista e a repressão política em São Paulo (1930-1945)*. Dissertação (Mestrado em História). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- ²⁴ PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michael M. *A Classe Operária no Brasil. 1889-1930. Documentos Vol.II. Condições de vida e de trabalho, relações com os Empresários e o Estado*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1981.p.244.
- ²⁵ CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In.: _____. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.p.65-119.
- ²⁶ RODRIGUES, Edgar. *Pequena História da Imprensa social no Brasil*. Florianópolis: Insular: 1997.
- ²⁷ Tivemos acesso a todos os números publicados do *Regeneración*, através do Archivo Electrónico Ricardo Flores Magón. Além do periódico do Partido Liberal Mexicano, esse site também disponibiliza as correspondências, escritos poéticos as obras literárias do revolucionário mexicano: <http://www.archivomagon.net/Inicio.html>

-
- ²⁸ MAGÓN, Flores. *A Revolução Mexicana*. São Paulo: Editora Imaginário, 2003 e SANTILLÁN, Diego Abad de. *Ricardo Flores Magón. O apóstolo da Revolução Mexicana*. São Paulo/Rio de Janeiro: Achiamé/Faisca/FARJ, 2006.
- ²⁹ Uma síntese interessante da Revolução Mexicana pode ser conferida no seguinte trabalho: WOMACK JR. John. *A Revolução Mexicana, 1910 - 1920*. IN.: BETHELL, Leslie (org). *História da América Latina: de 1870 a 1930*. São Paulo/Brasília: Edusp/Imesp/Funag. Vol V. 2002. p.p. 105-191.
- ³⁰ FERREIRA, Maria Nazareth. Op.Cit.p. 90.
- ³¹ La Battaglia, ed. nº 307. 28/05/1911. pág.04.
- ³² La Battaglia, ed. nº 308. 04/06/1911. pág. 02.
- ³³ RODRIGUES, Edgar. Op.Cit.
- ³⁴ A Vanguarda, ed. nº 06. 10/06/1911. pág.03.
- ³⁵ Regeneración, ed. nº 32. 08/04/1911. pág.01.
- ³⁶ A Guerra Social, ed. nº 1. 29/06/1911. pág.02.
- ³⁷ La Battaglia, ed. nº 321. 10/09/1911. pág. 01.
- ³⁸ Recentemente falecido, Edgar Rodrigues, estudioso autodidata, produziu uma das mais extensas obras sobre o movimento anarquista brasileiro. Mesmo que pesem uma análise mais crítica de seus escritos, é inquestionável a grande importância de suas obras como fonte documental para a história do anarquismo de língua portuguesa. Nesse artigo, trabalhamos com o seguinte texto: RODRIGUES, Edgar. *Universo Acrata. Volume 2*. Florianópolis: Insular, 1999 e _____. Neno Vasco, Emma Goldman, a Revolução Mexicana de 1910 e a tese de Pietro Ferrua. In.: *VERVE: Revista Semestral do NU-SOL – Núcleo de Sociabilidade Libertária/Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP*. nº11(abril de 2007).São Paulo: o Programa, 2007.p.133.
- ³⁹ A Guerra Social, ed. nº 20. 10/04/1912. pág.01.
- ⁴⁰ Ibidem.
- ⁴¹ BARTRA, Armando (Prólogo, selección y notas). *Regeneración (1900-1918). La corriente más radical de la revolución mexicana de 1910 a través de su periódico de combate*. México: Ediciones Era,1977. p.52.
- ⁴² FERREIRA, Maria Nazareth. Op.Cit.p. 104-105.
- ⁴³ A Voz do Trabalhador, ed. nº 24. 01/02/1913. pág.03.
- ⁴⁴ BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. Op.Cit.p. 05.
- ⁴⁵ A Voz do Trabalhador, ed. nº 27. 15/03/1913. pág.04.
- ⁴⁶ A Voz do Trabalhador, ed. nº 30. 01/05/1913. pág.03.